

# UM FELIZ PARA SEMPRE (UM) POSSÍVEL



JULIE  
MURPHY e  
SIERRA  
SIMONE

Das autoras  
best-sellers de  
Dumplin' e Priest



JULIE  
MURPHY e  
SIERRA  
SIMONÉ

UM FELIZ  
PARA SEMPRE  
POSSÍVEL

TRADUÇÃO  
GUILHERME MIRANDA



HARLEQUIN  
Rio de Janeiro, 2024

Copyright © 2023 by Julie Murphy e Sierra Simone. Todos os direitos reservados.  
Copyright da tradução © 2024 por Editora HR LTDA. Todos os direitos reservados.

Título original: Holly Jolly Ever After

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

PRODUÇÃO EDITORIAL *Cristhiane Ruiz*  
COPIDESQUE *Sofia Soter*  
REVISÃO *Thais Entriel e Mariana Bard*  
DESIGN DE CAPA *Farjana Yasmin*  
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO *Abreu's System*  
ADAPTAÇÃO DE CAPA *Maria Cecilia Lobo*  
PRODUÇÃO DO E-BOOK *Ranna Studio*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Murphy, Julie

Um feliz para sempre (im)possível / Julie Murphy, Sierra Simone ; tradução Guilherme Miranda. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Harlequin, 2024.  
368 p. ; 23 cm.

“Um romance de Christmas Notch”.

Tradução de: Holly jolly ever after

ISBN 978-65-5970-411-8

1. Romance americano. I. Simone, Sierra. II. Miranda, Guilherme. III. Título.

24-92087

CDD-813  
CDU: 82-31(73)



Índice para catálogo sistemático:

1. Romance americano 813

Bibliotecária responsável: Gabriela Faray Ferreira Lopes – CRB-7/6643

Harlequin é uma marca licenciada à Editora HR Ltda. Todos os direitos reservados à Editora HR LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A - Centro,  
Rio de Janeiro/RJ – CEP 20091-005  
Tel.: (21) 3175-1030  
[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

*A nossas Ashleys (Lindemann e Meredith)  
por serem as Addisons de nossas Winnies.  
(E a Joey Fatone, por ser o Joey de nosso Fatone.)*



Sim, eu sou o papai.

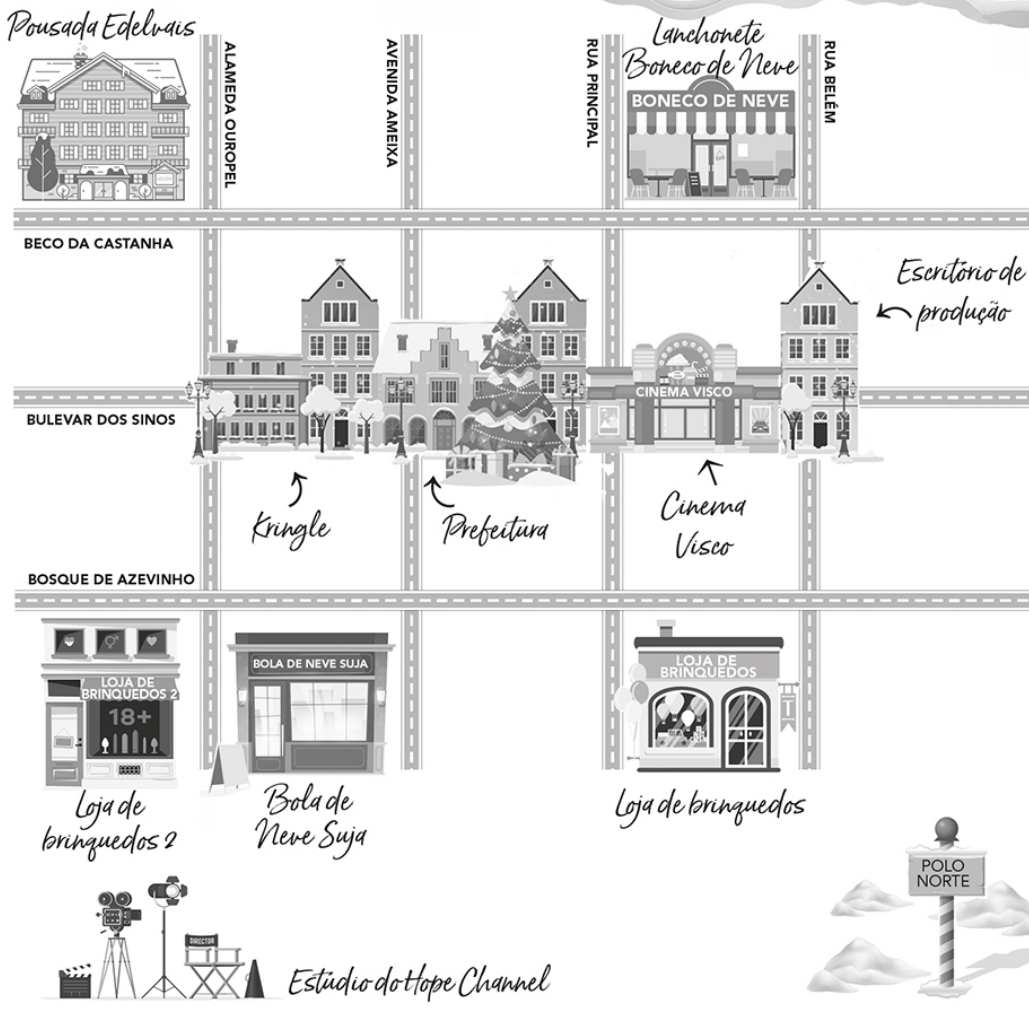
— Graham Simpkins, *O amor não tira férias*

Seja uma boa menina e diga ao Papai Noel do que precisa.  
Neste Natal, o Papai Noel quer agradecer.

— INK, “All BeClaus of You”, Merry INKmas

(Bootcamp Records)





## **SUMÁRIO**

PRÓLOGO – Teddy Ray Fletcher

### **PARTE UM**

CAPÍTULO UM – Winnie  
CAPÍTULO DOIS – Kallum  
CAPÍTULO TRÊS – Winnie  
CAPÍTULO QUATRO – Kallum  
CAPÍTULO CINCO – Winnie  
CAPÍTULO SEIS – Kallum  
CAPÍTULO SETE – Winnie  
CAPÍTULO OITO – Kallum  
CAPÍTULO NOVE – Winnie  
CAPÍTULO DEZ – Kallum  
CAPÍTULO ONZE – Winnie  
CAPÍTULO DOZE – Kallum  
CAPÍTULO TREZE – Winnie  
CAPÍTULO CATORZE – Kallum  
CAPÍTULO QUINZE – Winnie  
CAPÍTULO DEZESSEIS – Kallum  
CAPÍTULO DEZESSETE – Winnie

### **PARTE DOIS**

CAPÍTULO DEZOITO – Winnie  
CAPÍTULO DEZENOVE – Kallum  
CAPÍTULO VINTE – Winnie  
CAPÍTULO VINTE E UM – Kallum  
CAPÍTULO VINTE E DOIS – Winnie  
CAPÍTULO VINTE E TRÊS – Kallum  
CAPÍTULO VINTE E QUATRO – Winnie

CAPÍTULO VINTE E CINCO – Kallum  
CAPÍTULO VINTE E SEIS – Winnie  
CAPÍTULO VINTE E SETE – Kallum  
CAPÍTULO VINTE E OITO – Winnie  
CAPÍTULO VINTE E NOVE – Kallum  
CAPÍTULO TRINTA – Winnie  
CAPÍTULO TRINTA E UM – Kallum

EPÍLOGO – Teddy Ray Fletcher

AGRADECIMENTOS

Sobre a autora

## PRÓLOGO

*Teddy Ray Fletcher*

Quando os filhos de Teddy Ray Fletcher eram pequenos, a geladeira dele era coberta de pinturas a dedo, colagens de macarrão e mosaicos de papel emoldurados com palitos de picolé. Ele expunha as obras-primas no escritório e as pendurava nos corredores de casa; fazia mousepads e canecas com os desenhos e os exibia com orgulho para amigos, atores e completos desconhecidos.

Teddy quase nunca sabia o que aqueles desenhos infantis *significavam* — às vezes, dava para identificar uma flor ou um gato, mas, em geral, ele tentava ver os desenhos da mesma maneira que sua então esposa falava da arte abstrata nas galerias para as quais sempre o arrastava: como uma manifestação de movimento e cor.

Ou coisa parecida. Teddy odiava arte abstrata.

Mas ele não odiava a arte dos *filhos* e, como pai, prometeu a si mesmo que, ao receber uma porcaria fofa daquelas, nunca perguntaria: *Hum, o que é isso aqui?* Ele apenas os elogiaria por serem gênios perfeitos, dizendo que eram tão bons quanto Picasso ou Monet. Ou as pessoas que faziam o desenho animado *Os Thornberrys*.

Por isso, quando sua filha de 20 e poucos anos entrou no escritório dele e largou em cima da mesa um retângulo brilhante — um retângulo com um cilindro fixado por um cordão enroscado —, Teddy nem perguntou o que era. Ele só reagiu:

— Astrid, que demais! Você fez isso sozinha?

A luz do sol cintilou no piercing logo acima do lábio superior quando ela revirou os olhos castanho-escuros. Ela tinha puxado os olhos, os cachos e o tom quente de sépia da pele da mãe. (A intolerância à lactose e o gosto por modificações corporais meio lamentáveis tinha puxado de Teddy mesmo.)

— É um protótipo, pai. Óbvio.

Ele o ergueu, fazendo a melhor cara de pai sábio.

— É um ótimo protótipo, filha. É bem proto.

— Você por acaso sabe o que é?

Teddy baixou os olhos para o objeto em suas mãos — mãos que estavam queimadas de sol depois de ele ter filmado uma cena ao ar livre de uma coroa na região de Big Bear. A geringonça de Astrid parecia um walkman com um minimicrofone, exceto pelo detalhe de que tudo era feito de um plástico opaco que ele desconfiava ter algo a ver com a ausência de falato.

— É para... — Ele revirou a mente, tentando pensar onde tinha visto microfones minúsculos antes. — O TikTok? Você vai virar uma estrela do TikTok?

— *Pai*. É para a Vênus!

Vênus era a startup de sex toys ecológicos de Astrid — e um dos motivos para Teddy ter ampliado a produtora no ano anterior, que passou a fazer filmes inocentes de Natal além da pornografia não tão inocente de sempre. (O outro motivo era a mensalidade da faculdade de arte do filho, em que tentava não pensar sem um copo de uísque na mão.)

— Ah — disse Teddy.

Ele ainda não fazia ideia do que era.

Astrid sorriu.

— É um vibrador movido a energia solar!

— Pensei que você fosse fazer o prendedor de mamilos primeiro — comentou Teddy, apoiando o protótipo na mesa e erguendo os olhos para a filha sorridente.

Ele era um péssimo investidor, não porque não acreditasse na visão ambientalista de Astrid, mas porque, quando ela começava a falar de polivinil e termoplásticos, a atenção dele começava a divagar para coisas como a nova loja de donuts em Westwood, ou se devia mandar mensagem para uma certa agente artística que sempre usava terninhos e em quem ele não conseguia parar de pensar.

— Ainda estou atrás de um fornecedor de aço-carbono neutro para os prendedores. — Astrid suspirou. — Mas estou pensando em talvez fazer alguma coisa mais no estilo de borlas com couro vegano... Ah, oi, Sunny!

O olho de Teddy tremeu quando Sunny Palmer entrou no escritório. O gato dela, sr. Tumnus, tinha comido algum fio vital do computador dela no mês anterior e, desde então, ela vinha usando o equipamento da Tio Ray-Ray para editar seus vídeos solo. O que não era um problema para Teddy, mas ter Sunny ali era como ter um filhotinho de gato no escritório. Ela se metia em tudo, gritava com objetos inanimados e, às vezes, pegava no sono sob raios de sol antes de acordar de repente e ir pentelhá-lo enquanto ele forçava a vista para acabar de ler a nova edição do estatuto sindical dos artistas. Ela era uma figura e tanto. E Teddy preferia *tanto* quando não estava ocupado com as pataquadas de filmes de Natal, como naquele dia.

— Ah, chegou seu protovibrador! — Sunny deu um gritinho, esticando a mão tatuada para afanar o objeto da mesa de Teddy, como se fosse o Raposo de *Dora, a aventureira*. — Que demais! Dá para carregar em dias nublados? Você acha que funcionaria no espaço? Aliás, Teddy, tem uma pessoa aqui querendo te ver. Ela está terminando uma ligação e já vai entrar.

— Se for uma entrega, fala para deixar na porta — disse Teddy automaticamente, voltando a atenção para o notebook, que ligou com um zumbido irritante de quem diz: *Sou um computador antigo, por favor me deixe morrer*.

— Não, não — comentou Sunny, distraída com o sex toy movido a energia solar. — É aquela lá de Christmas Notch. A gostosa malvadona. Steph qualquer coisa.

O tempo pareceu desacelerar; o coração de Teddy disparou. O sangue martelava em seus ouvidos no ritmo dos batimentos.

Steph.

Steph estava ali.

Steph estava ali e a camisa dele estava suja de migalhas de sanduíche.

Em pânico, ele tentou limpar a camisa — assim como o bigode — ao mesmo tempo que arrumava a mesa e fazia barulhos para enxotar a filha e a atriz... o que elas ignoraram, como era típico.

E então aconteceu.

Steph D'Arezzo, agente artística e a mulher mais perfeita do mundo, entrou pela porta da sala dele como se fizesse isso todos os dias.

Teddy não a via desde que eles haviam transado sete meses antes, num churrasco no Dia da Independência, mas isso não tinha importância. Seu corpo se lembrava do toque dela como se fosse ontem. E, caso não se lembrasse, o terninho impecavelmente ajustado que ela vestia — vermelho-cereja com uma blusa preta por baixo — o teria recordado. A roupa ressaltava o quadril farto, os seios ainda mais fartos e as pernas compridas, que terminavam em saltos pretos tão afiados que cortariam o bolo de casamento de cinco andares que aparecia em suas fantasias mais piegas e secretas. Um único colar de pérolas envolvia a base do pescoço comprido e pálido dela, e o cabelo escuro estava solto em ondas. Ela usava um batom da mesma cor do terninho, o que fez Teddy se remexer na cadeira.

*Diga oi*, instruiu ele a si mesmo. *Diga oi e diga que sentiu saudade dela. Talvez ela esteja aqui para um repeteco do sexo no churrasco. Diga oi. Diga oi.* Ele conseguiu abrir a boca.

Naquele momento, porém, Sunny, que tinha chegado perto de Steph e admirava a agente com um olhar de fascínio e tesão, falou primeiro:

— Você é minha mamãe?

Steph parecia ter se acostumado com a família do Tio Ray-Ray no set de *O salão do duque*, porque ignorou Sunny e foi direto para a mesa de Teddy, na qual apoiou as mãos. Como se ele fosse um aluno malcriado e ela, uma professora, a professora mais gata do mundo.

O coração dele foi parar na boca.

— Ouvi dizer que você está com o roteiro — disse Steph.

Ah.

Ela não estava ali para um repeteco. O coração de Teddy voltou a se afundar, aos choramingos.

— Ficou pronto ontem à noite — conseguiu responder.

A empresa de Teddy estava produzindo o primeiro filme do selo Hope After Dark — um filme que combinaria a alegria não irônica que o Hope Channel sempre oferecia com a safadeza softcore a que ele assistia no Skinemax quando era novinho. Melhor ainda, seria um filme de Natal! *Papai Noel, baby* era sobre um futuro Papai Noel curtindo a vida adoidado antes de assumir as rédeas do trenó. O jovem Papai Noel seria representado por um cliente de

Steph, Kallum Lieberman, ex-astro do pop (e atual astro de uma *sex tape* vazada).

— Kallum deve receber o roteiro na semana que vem, se ele está com medo de não ter tempo suficiente...

— Não é essa minha preocupação — interrompeu Steph. — Estou aqui porque você ainda não arranjou uma Mamãe Noel, né?

— Ah.

Teddy se contorceu. A verdade era que, apesar do sucesso viral de *O salão do duque* e sua fusão de diversão natalina familiar e protagonistas cheios de tesão, ele e o novo diretor de elenco ainda não tinham encontrado um par romântico para Kallum em *Papai Noel, baby*. Ou, melhor dizendo, não tinham encontrado alguém de quem a diretora, Gretchen Young, *também* gostasse.

— Estamos trabalhando nisso.

— Gretchen ainda não encontrou a pessoa ideal — argumentou Astrid, indo em defesa do pai. — Não é que ele não esteja tentando.

— Eu acredito — replicou Steph. — E é por isso que estou aqui. Porque tenho uma ideia de quem deveria ser nossa Mamãe Noel.

— Sou todo ouvidos — falou Teddy. — Não exatamente — acrescentou. — Sou só dois ouvidos.

Todas na sala soltaram um “argh”.

— Agradeço a disponibilidade — disse Steph, com um brilho de tubarão no olhar —, porque não é uma ideia muito convencional...

***Parte***  
***Um***

## CAPÍTULO UM

### Winnie

Meu nome é Winnie Elizabeth Baker e, exceto por aquela vez que deixei uma amiga furar meu umbigo, sempre fiz tudo certinho.

Quando meus pais quiseram que eu passasse todo fim de semana fazendo testes para comerciais locais, fiz exatamente isso.

Quando quiseram virar minha vida do avesso aos 10 anos de idade e nos mudar para Los Angeles com o objetivo de que eu estrelasse uma sitcom familiar inocente, fiz isso também.

Escondi tão bem minha narcolepsia que os tabloides ainda não fazem ideia.

Eu me casei aos 18 anos com meu namoradinho de infância, e o beijei pela primeira vez no dia do casamento.

Fui uma filha exemplar, uma esposa exemplar: doce, amável, bem-comportada. Um ícone para jovens no mundo inteiro que escolheram esperar.

Então por que eu estava sentada no consultório de uma terapeuta, erguendo o celular e apontando para o que estava na tela como se eu fosse a apresentadora de TV mais cabisbaixa de todos os tempos?

— Daí Dominic Diamond desenterrou essa foto antiga, e agora o único assunto é, de novo, como Winnie Baker adora fazer um escândalo.

Deixei o celular cair no colo, sem querer olhar para a foto nem para pontuar meu argumento. Eu já a tinha visto milhares de vezes: eu, aos 17 anos, desmaiada no carro na frente do Chateau Marmont depois do Teen Choice Awards. Com a cabeça apoiada no encosto, as bochechas coradas, em vez de pálidas como de costume, e a boca aberta.

Eu parecia bêbada e, ainda pior, *desleixada*. Promíscua, até, segundo meus pais. Em muitos sentidos, a foto tinha sido o ponto de virada para mim. O começo do fim.

— Dominic Diamond é um sociopata da sarjeta — disse Renata, com calma. — Ele não tem o direito de mudar como você se vê.

Como terapeuta de atores, modelos e, se os boatos forem verdadeiros, um certo príncipe residente na Califórnia, Renata está mais do que familiarizada com Dominic Diamond. Ele era um blogueiro de fofoca que virou influencer de fofoca e não poupava ninguém em suas atualizações maldosas. Sem dúvida ele foi o assunto de muitas sessões no consultório dela.

— Mas a questão não é só Dominic — respondi, deslizando a foto para mostrar a imagem seguinte do post.

Era uma captura de tela de uma manchete em um grande site de notícias. “Ex-atriz mirim é hospitalizada depois de festival de música regado a drogas no Texas, segundo uma fonte anônima.” E depois outra captura de tela, dessa vez de um artigo publicado no dia anterior: “Atriz problemática, antes conhecida por promover valores familiares, agora oficialmente divorciada”.

— Todos acham que estou descontrolada. Que me divorciei à toa, sem nenhum motivo. Que sou hipócrita. Que sou... que sou doída.

— Não gosto dessa palavra — interveio Renata com a voz branda.

— As pessoas nas redes sociais gostam — resmunguei.

Meu ex-marido também gostava, embora *preguiçosa* fosse seu insulto de preferência. *Se você não fosse tão preguiçosa, teria trabalhos melhores do que esses filmes do Hope Channel. Se não fosse tão preguiçosa, seria mais saudável; e, se fosse mais saudável, já teria engravidado a esta altura.* E assim por diante. *Preguiçosa* era uma palavra que magoava duplamente: primeiro, porque eu me considerava disciplinada, diligente e controlada o tempo todo; segundo, porque, por causa da narcolepsia, havia momentos em que disciplina e controle eram impossíveis, por mais que eu me esforçasse.

— Fiz tudo certinho — falei por fim, repetindo o que vinha dizendo para mim mesma o dia todo. — Eu achava que era uma boa filha, uma boa esposa, uma boa atriz. Mas não fez diferença, não é? Michael me traiu mesmo assim. Meus pais ficaram do lado dele mesmo assim. E, na *única* vez que fiz algo por mim, algo que era para ser divertido, acabei vomitando as tripas num deserto do Texas, a trezentos quilômetros de um aeroporto decente. Perdi a filmagem do meu projeto seguinte, o Hope Channel me substituiu e agora o mundo inteiro acha que sou irresponsável. E não tenho trabalho, não consigo pagar o que devo ao Hope Channel e tudo acabou e explodiu em cima de mim... e

nem era um festival de música qualquer! Era o DesFestival, uma experiência exclusiva no deserto, muito além de um festival comum!

Inspirei fundo depois desse monólogo surpreendente, piscando para conter a ardência nos olhos. Eu queria chorar, mas tinha sido criada para não chorar; havia aprendido bem, nos catorze anos de casamento. Perder o controle não fazia parte da minha vida, e nunca fizera.

— Pode chorar se quiser — falou Renata, quase como se soubesse o que eu estava pensando, mas, antes que eu respondesse, um alarme baixo soou no relógio dela.

Nossa sessão acabou.

Ela suspirou, olhando para o punho, e silenciou o alarme.

— Na próxima vez, vou lembrar você mais cedo que não precisa esconder seus sentimentos aqui. Mas, agora, quero que pense no que me disse durante nossa segunda sessão, depois que pedi para você encontrar um objetivo para nosso trabalho juntas. Lembra?

— Lembro — respondi, ansiosa para ser uma boa aluna de terapia. — Toda a minha vida, todos definiram quem era Winnie Baker, mas, agora, quero definir Winnie Baker por mim mesma. Quero ser uma nova Winnie.

Renata concordou com a cabeça.

— Talvez seja bom pensar no que isso significa em relação ao que as pessoas estão falando na internet, não é? E no que podemos e não podemos controlar.

— Certo — concordei, cheia de confiança, porque uma nova Winnie não se importaria com o que as pessoas diziam na internet.

Assim como uma nova Winnie nunca, jamais, cometeria os erros da velha Winnie.

E olha que a velha Winnie tinha cometido erros de sobra, hein.



Sair do prédio de Renata sempre dava a sensação de sair do útero, e precisei piscar por alguns minutos até conseguir enxergar de novo sob o sol forte da Califórnia. E isso de óculos escuros. No inverno.

— Finalmente — disse uma voz abrupta perto de mim, e quase morri de susto.

Quando me virei em pânico para murmurar um “sem comentários”, vi que não era um paparazzo, mas uma mulher alta de sobretudo amarrado na cintura e com um sorriso que conseguia ser ao mesmo tempo autoritário e reconfortante.

— Estou esperando aqui há cinco minutos — afirmou ela, fazendo *cinco minutos* soarem como *doze horas*.

Ela estendeu a mão de unhas bem-feitas, que apertei. Tinha um aperto rápido e firme. Michael teria odiado.

O que me fez gostar dela na hora.

— Steph D’Arezzo, agente artística. Prazer.

Steph. Steph. O nome emergiu, turvo, até a superfície da memória.

— Você é a agente de Nolan Shaw — falei.

Eu teria sido o par romântico de Nolan Shaw, ex-bad boy do pop, no filme *O salão do duque* se não houvesse passado mal no DesFestival e sido substituída. Quando assinei o contrato, fiquei nervosa diante da perspectiva de trabalhar com ele, porque, mesmo depois de anos fora dos holofotes, ainda não conseguia imaginá-lo de outra maneira senão como o jovem sempre de gorro na cabeça e praticante do meretrício que eu conhecera na adolescência, mas minha desconfiança fora descabida. Ele tinha apoiado com orgulho a namorada, Bee Hobbes, quando ela foi exposta como criadora de conteúdo adulto, e desde então se mostrava um profissional respeitado, chegando até a liderar uma nova versão do reality show que o havia alçado ao estrelato, *Academia de Boyband*.

— Isso mesmo — afirmou Steph. — Você sabe como fiz minha carreira nesse ramo, Winnie?

Fiz que não. Minha carreira toda acontecera em outro tipo de entretenimento, de conteúdo familiar e religioso. Eu tinha uma noção muito vaga dos mecanismos da indústria como um todo.

— Transformo palha em ouro. Pego sapos decadentes e escandalosos e os transformo de volta em príncipes. Etcetera e tal. Entende aonde quero chegar?

— Você reabilita a reputação de celebridades — respondi.

— Isso mesmo. Trabalho exclusivamente com reformas, mas, se a casa não tiver salvação, passo para a próxima, porque às vezes o trabalho em equipe *não* é o trabalho dos sonhos, ainda mais se metade da equipe for incorrigível. — Steph levou a mão à bolsa, mas se deteve. Bufou. Tive a impressão nítida de que ela era ex-fumante. — A verdade é que, às vezes, um pouquinho de escândalo faz bem para os negócios — continuou ela. — Achei que Nolan Shaw se apaixonar por Bianca von Honey arruinaria o retorno dele à indústria, mas acabou turbinando sua carreira. Nem com cem anos de trabalho e ainda mais assistentes para me trazer café gelado eu teria conseguido arquitetar o impulso que veio de ele viver essa vidinha fofa e caótica no ano passado. Está me entendendo?

Eu não estava entendendo nada. Tudo que eu tinha ganhado com meus escândalos foram contratos desfeitos e pais distantes. E posts de Dominic Diamond.

Steph parecia conseguir ler meus pensamentos, porque cruzou os braços e me observou com uma sobrancelha arqueada.

— Eles foderam muito com você, né?

— Eu...

— Me deixa adivinhar. Aquele tal de Michael te traiu, você guardou segredo e, como recompensa, ele distorceu a história para você fazer papel de vilã. Imagino que ele esteja por trás do furo sobre sua internação no hospital no ano passado ter sido por drogas em vez de exaustão, né?

Corei. Era exatamente o que tinha acontecido.

— “Winnie Baker cai em desgraça” — disse Steph, como se citasse uma manchete que só ela via. — É uma boa história. Porque os santinhos adoram odiar os pecadores, e os pecadores adoram saber que os santinhos também pecam em segredo. Todo mundo clica nessa manchete. Todo mundo.

— Eu sei bem disso — respondi, o mais educadamente possível.

Steph concordou com a cabeça.

— Verdade. Você sabe bem. — Ela se inclinou para a frente, com brilho nos olhos. — Não te incomoda que ele tenha ficado com tudo? A reputação, os

trabalhos, a superioridade moral?

— É claro que me incomoda — murmurei. — Eu só queria tocar minha vida, mas ele não deixou.

— Porque ele é um otário, e otários pensam pequeno, Winnie.

Steph levou a mão à bolsa e tirou um cartão. Seu cartão de visita.

Eu o peguei, sem saber ao certo o que estava acontecendo.

— Já ouviu falar do Hope After Dark? — perguntou, fechando a bolsa.

— Hum, já — respondi.

Todo mundo tinha ouvido falar: o anúncio de que o Hope Channel estava produzindo conteúdo mais explícito era uma notícia bombástica que não dava para ignorar.

— O protagonista do novo filme é meu cliente. Kallum Lieberman, um dos ex-colegas de banda de Nolan Shaw. Imagino que se conheçam, não?

*Conheçam.* Lembranças do fatídico Teen Choice Awards lampejaram na memória: olhos azuis, uma prancha de surfê caindo em meu pé. No *after*, meus pés latejando enquanto eu mancava no sapato de salto baixo, a narcolepsia me dominando. A escapada da festa no Chateau Marmont para me esconder no carro, onde eu tinha me deitado no banco e deixado o sono tomar conta.

E então a foto. A infame foto. Tirada por ninguém menos do que Kallum Lieberman e publicada no MySpace naquela mesma noite.

— Nós nos conhecemos, sim — respondi por fim.

Ela meneou a cabeça.

— Bom, acho que você faria um ótimo par com ele no primeiro filme do Hope After Dark.

Por um momento, pensei que não tinha escutado direito. Que estava enganada. Então ela respondeu a minha confusão com um sorriso afiado.

— Pense bem. Você tem um contrato com o Hope Channel que nunca cumpriu, certo? Que está no processo de ser cancelado porque você quebrou a cláusula de moralidade no DesFestival, não é?

*Argh.*

— Tenho.

— E se você não tivesse que devolver o dinheiro que recebeu ao assinar o contrato? E se ainda pudesse cumprir esse contrato com um outro filme?

— Já tentei — falei. — Antes da minha agente me largar. Disseram que, com a minha reputação, eles não podiam me contratar para na...

Steph me interrompeu:

— Isso foi antes, Winnie. Agora é agora. Após *O salão do duque* e do sucesso estrondoso das estrelas depois do escândalo de Bianca von Honey, Hope está vendo as coisas com outros olhos. E quem seria melhor para protagonizar o novo começo picante deles do que seu anjo caído?

— Nunca daria certo — retruquei, ainda completamente perplexa. — Mal consigo acreditar que eles estão fazendo o Hope After Dark, mas daí a trabalhar *comigo* de novo? Eles nunca topariam.

— Ah, eles já toparam — disse Steph, presunçosa. — E amaram tanto a ideia que me imploraram para fazer você assinar, o quanto antes. O que quer dizer que o papel é seu, se quiser. Um contrato recuperado, uma conta bancária recuperada, e quem sabe? Talvez todo um rumo novo para você.

— Não posso participar de um filme sexy — murmurei enquanto voltava a olhar para o cartão de visita dela.

A ideia era absurda. Eu nunca nem vira um filme erótico. Não tinha um *sex toy* que fosse, nunca nem... fizera essas coisas sozinha, e era quase certo que meu único orgasmo foi dormindo, causado por um sonho erótico que não envolvia Michael. Na noite em que meu divórcio fora finalizado, eu tinha bebido meia garrafa de vinho e jogado no Google a palavra *pornografia* pela primeira vez na vida... e ficado com tanta vergonha que acabara fechando o notebook e assistindo a um monte de TikToks sobre lagos assustadores.

A questão era que eu *queria* me livrar dessas barreiras em minha mente; queria assistir a filmes pornô e eróticos e ser capaz de fazer piadas de sacanagem. Ser capaz de estrelar um filme do Hope After Dark. Mas não era. Eu era Winnie Baker, muito pior do que uma carola: eu era uma ex-carola que não fazia ideia de como se descarolar.

— Só pensa no assunto — insistiu Steph.

Ela deu um tapinha no meu ombro e foi embora, o sobretudo esvoaçando na altura dos sapatos de salto. Eu ainda estava segurando o cartão como se fosse uma granada prestes a explodir, meio tentada a largá-lo na calçada de paralelepípedos curva que levava ao prediozinho de Renata e sair andando, esquecer a conversa toda.

Mas não fiz nada disso. Guardei o cartão no bolso, me empertiguei e fui para casa.



*Casa* não era onde eu tinha morado por mais de uma década, tampouco onde meus pais moravam. A primeira era de Michael — presente de casamento dos pais dele, que tinham um império de mídia religiosa e o dobro de dinheiro de todas as megaigrejas do Texas — e na segunda eu implicitamente não era mais bem-vinda. Então eu estava dormindo na casa de hóspedes de uma velha amiga. Que, na verdade, era a única amiga que eu ainda tinha.

Parei na porta dos fundos no caminho da casa e a vi sentada à ilha da cozinha com seu prato preparado pelo chef e um copo de algo transparente que eu sabia não ser água. Dito e feito: quando abri a porta e entrei na cozinha minimalista, vi uma garrafa aberta de Grey Goose na bancada.

— Winnie! — exclamou Addison, girando no banquinho e vindo até mim. Os pés descalços estavam pálidos; ela logo marcaria uma sessão de bronzeamento artificial. — Mandei o chef preparar o jantar para você também.

— Obrigada, Addy — comentei, dando um abraço nela.

A atriz, cantora e autodeclarada “chefona” Addison Hayes estava fazendo outra série — um drama mais ou menos sério sobre um pastor viúvo e sua família. Quando éramos adolescentes, fomos unidas como melhores amigas de mentirinha por nossas equipes. Tínhamos carreiras iguais, cabelos loiros iguais, anéis de pureza iguais. Até cheguei a fazer uma participação especial no primeiro álbum dela, o ponto de partida para a carreira musical de grande sucesso dentro e fora da comunidade religiosa.

Nós nos afastamos depois do incidente do Chateau Marmont — quando passei a dedicar todo o meu tempo e energia a consertar minha imagem —, mas tínhamos nos reencontrado fazia alguns anos, quando estrelamos um filme do Hope Channel sobre irmãs perdidas que se apaixonavam por dois irmãos perdidos. Addison tinha sido a única a manter contato depois do divórcio, que

dirá a oferecer ajuda, e, embora escondêssemos que eu estivesse morando lá para não ferir a reputação dela, ela me recebera de braços abertos e com garrafas de vodca ainda mais abertas. Eu seria grata por esse acolhimento até o dia da minha morte.

— Como foi a terapia? — perguntou Addison, voltando a sentar e pegando o garfo para comer o pedacinho de peixe branco.

Encontrei um prato embrulhado em papel-alumínio na bancada e peguei um garfo para mim.

— Tudo bem. Reclamei de Dominic Diamond.

— Ele é um cuzão — disse ela. — Quer vodca para passar?

A disposição de Addison a (1) falar palavrão, (2) encher a cara e (3) falar de sexo como se não tivéssemos crescido com parceiros de responsabilidade para garantir que *nunca* nem pensássemos em genitália tinha sido muito estranha no começo. Depois, passou a ser incrivelmente libertadora, porque entendi que todas as coisas que eu tinha medo de me tornarem uma pessoa ruim... não me tornavam? Ou não necessariamente? Porque Addison podia ser muitas coisas, mas também era generosa, leal e uma boa ouvinte, e abriu a casa dela para mim quando eu não tinha para onde ir... e talvez, no fim das contas, ser uma pessoa generosa fosse mais importante do que nunca falar palavrão.

— Talvez eu queira depois — falei. — Mas, na verdade, aconteceu outra coisa interessante...

Depois que terminei de contar a ela sobre Steph e a oferta do Hope After Dark, Addison me encarou, o rosto pálido por baixo da maquiagem perfeita, como se eu tivesse acabado de contar que tinha dado uma carona para um desconhecido na estrada e que ele moraria na sauna no quintal.

— E você recusou, certo? — indagou ela. — Tipo, que porra é essa? Winnie Baker em um filme proibido para menores? Você tem uma marca!

— Addy — falei, com a voz doce e cansada, porque vivia tendo que explicar isso para as pessoas. — A marca está morta. Não existe mais *a* Winnie Baker. Só existe a Winnie Baker que ficou drogada no DesFestival.

Addison fungou e saiu em minha defesa.

— Sorte a sua. É uma experiência exclusiva no deserto.

— É o que vivo tentando explicar!

— Mas, querida — disse minha velha amiga, subitamente séria. — Nenhuma marca está morta enquanto você ainda estiver viva e bem. Você sabe o que nosso círculo ama mais do que tudo? Uma boa história de redenção. E você tem todas as cartas na manga para jogar quando chegar a hora. Crie toda uma história de que se recuperou das recaídas e está tentando resolver as coisas com Michael porque seu coração foi tocado. E aí os trabalhos vão voltar, o dinheiro vai voltar. Porra, até Michael vai voltar.

— Mas não *quero* que Michael volte — argumentei.

— Dá — debochou ela, jogando para trás o cabelo ondulado brilhante, sempre pronto para as câmeras. Ela tinha passado a semana toda vendendo leggings da sua marca de estilo de vida, *Wishes of Addison*, na televisão, e ainda não havia prendido o cabelo em um coque bagunçado depois de voltar do estúdio. — Mas pense na imagem, Winnie! Casal reunido! O amor vence tudo! Você vai alimentar a narrativa com uma matéria na *People* e aparições públicas juntos na igreja, e todos vão acreditar. — Fiz uma careta, e ela me lançou um olhar como se eu estivesse sendo infantil de propósito. — Não estou dizendo para voltar a *amar* aquele cara. Porra, não estou dizendo nem para *ficar só com ele*. Só para voltar com ele pela publicidade e sair com outras pessoas em sigilo. Casais famosos vivem fazendo isso.

— Você não faz isso — argumentei.

Addison era uma rara mulher solteira em nossa esfera.

— Isso é porque ainda resta um tempinho na minha fase de “vivendo meu chamado” — disse ela, pegando o garfo e apontando com ele como se houvesse uma apresentação de PowerPoint invisível com que ela estivesse dando uma aula. — Prevejo que, daqui a dois anos, *Wishes of Addison* vai estar estabelecida e eu vou poder fazer a transição para a fase de “acabei de encontrar o amor da minha vida” da minha carreira e depois, por volta dos 36, vou começar a fase do bebê. Então, *Wishes of Addison* vai lançar seu novo braço, *Baby Wishes*, e vou vender a empresa e ficar no cargo de diretora criativa. E depois? Hotéis.

Ela acenou com o garfo e voltou a atacar a o peixe.

— Você quer ter hotéis?

— Porra, claro — respondeu Addison com a boca cheia de peixe-espada. — Sabe o bem que eu poderia fazer pelo mundo como dona de hotéis?

Primeiro assunto da lista: todos os banheiros de hotel vão ter um ventilador bom que funciona. Todos. E um bidê! Segundo item da lista...

— Essa é mesmo minha única opção? — interrompi, baixando os olhos para o prato de peixe. Ainda não tinha nem sentado. — Voltar com Michael, a menos que eu queira viver em segredo na sua casa de hóspedes para sempre?

— Gata, não — retrucou Addison, apontando o garfo para mim. — Não estou dizendo para ser o capacho de Michael. Estou dizendo para *fingir* em público. E fazer o que quiser em segredo. Jogue o jogo, mas se divirta mesmo assim.

— É isso que você faz, Addy? — perguntei.

Apesar de todo o nosso tempo juntas, nunca soube nada sobre sua vida amorosa. Considerando como ela era aberta comigo em relação a todo o resto, era um pouco estranho que eu não soubesse nada além do fato de que às vezes ela dava umas escapulidas à noite.

Addison abaixou um pouco o garfo e olhou para baixo.

— Faço o possível — respondeu ela, mas, pela primeira vez desde que eu tinha entrado em sua cozinha, soou um pouco insegura.

E me dei conta de como isso tudo era ridículo. Ali estávamos nós, duas mulheres famosas de 32 anos, ainda sentindo que nossa vida inteira tivesse que seguir uma série de regras que nos foi ensinada quando éramos jovens demais para escolher por conta própria. De repente, não aguentei mais.

Não estava apenas *cansada* nem apenas *triste*. Não aguentava mais, fisicamente. Aquilo estava me deixando febril, vermelha, trêmula. Meu corpo preparava as defesas para lutar contra o passado que me encurralou, o futuro sombrio que me aguardava.

*Quero definir Winnie Baker por mim mesma.* Era o que eu tinha dito a Renata. Ou eu estava falando sério, ou não. E, se estivesse falando sério, precisava falar *sério*.

Larguei o garfo.

— Foda-se — falei e então tirei o cartão de Steph do bolso.

Addison arregalou os olhos, espantada, até ficarem do tamanho dos portavelas da Wishes of Addison (apenas 12,99 dólares na Target ou em [wishesofaddison.com](http://wishesofaddison.com)) ao me ver pegar o celular.

— O que está fazendo? — sussurrou.

— O que ganhei nesse jogo, Addy? Um marido infiel, um divórcio público e contas de terapia que mal tenho como pagar. Se o mundo acha que sou um anjo caído — afirmei, digitando o número de Steph —, pelo menos quero escolher minhas próprias asas.

## CAPÍTULO DOIS

### *Kallum*

-*Kallum?* — perguntou Payton embaixo de mim, suas pernas abertas como um convite enquanto a última letra do meu nome se transformava num gemido. — Eu... Isso está gostoso. Tipo, supergostoso... Mas não posso perder o buquê... Então será que dá para acelerar aqui...

— Ah, claro. Pode deixar.

Joguei a gravata para trás e comecei a meter mais fundo e mais forte. Sempre gostei de ir sem pressa, e estava tentando agradar, mas, como dizia o lema da Slice, Slice, Baby, *entrega rápida ou sua próxima pizza é por conta da casa!*

Ela afundou o queixo no ombro e soltou um gemido baixo.

— Espera, espera, espera! Você pode fazer o lance? — perguntou, ofegante.

— O lance?

Naquele ritmo, eu não aguentaria muito mais. Payton era uma das amigas mais antigas da minha irmã e uma das primeiras meninas que eu vira sem sutiã por baixo da roupa. (A menos que contasse com minha mãe ou Tamara, mas eu não contava.) Sutiãs eram idiotas. Tão, tão idiotas. Eu adorava as curvas de uma mulher sem sutiã, uma preferência que descobri logo cedo graças a Payton. Comer Payton assim, na suíte nupcial de sua melhor amiga, Natalie, era o tipo de fantasia adolescente boa demais para ser verdade.

Ela roçou em mim. Isso era amor? Podia ser amor. Talvez fosse amor.

— Sabe, o lance do pãozinho — comentou ela, deslizando do meu pau, à espera do meu próximo passo.

Inspirei fundo, pronto para colocá-la de volta onde ela estava. Nossa, eu disse que não faria mais isso. Disse que tinha sido a última vez... mas essa na verdade era a última vez. Não poderia dizer não para Payton. Eu não me perdoaria.

Ela fez beicinho e seus mamilos durinhos apareceram sob a seda do vestido de madrinha, implorando para eu passar a boca no tecido. Mas aí eu quebraria a regra mais importante de transar em casamentos: nunca, em hipótese alguma, estrague o vestido. Sexo com roupa era nota mil, mas ter que ser delicado e cuidadoso com aqueles vestidos bobos que ninguém mais usaria depois sempre me fazia sentir um gigante desastrado numa loja de porcelana.

Um dia eu me apaixonaria e daria um vestido novo todos os dias para a mulher dos meus sonhos só para rasgá-lo em pedacinhos toda noite... com a permissão dela, claro. E talvez esse dia fosse hoje, vai saber?

Do outro lado do salão de eventos, a voz do DJ ecoou pelas paredes finas do antigo convento transformado em casa de festas hipster.

— Meninas, dez minutos para a noiva jogar o buquê. Vamos fazer baruuuuuuulho!

DJs de casamento são péssimos... Nolan sempre dizia que eu só pensava isso porque me via neles, e eu sempre respondia: *Não me jogue essa praga, Nolan Shaw*. Mas talvez eu fosse, *sim*, como um DJ de casamento. Não dá para me convencer que aqueles caras sonhavam em tocar em casamentos quando eram jovens e tolos, ainda inocentes a ponto de sonhar. Em meus tempos de glória do INK, pensava que seguiria em frente com uma carreira solo duradoura depois que eu, Nolan e Isaac nos separássemos. No mínimo, estaria produzindo música. No entanto, aqui estou eu, dono de uma rede regional de pizzarias, transando em metade dos casamentos da região metropolitana de Kansas City.

Mas aí veio a *sex tape*. Que surpreendentemente não tinha sido uma coisa horrível — quer dizer, a menos que você perguntasse para minha irmã e minha mãe. (Ou para mim, se houvesse espaço suficiente na minha cabeça para pensar quando estava para pegar no sono.)

Por falar em Nolan, era para ele estar ali. Tudo que Natalie queria de presente de casamento era que eu e Nolan cantássemos “A Love Like That”, do nosso segundo álbum, na primeira dança, mas ele desistiu no último minuto e, quando ela descobriu que eu seria o único cantor restante, me disse sem muita gentileza que pediria ao DJ para tocar a gravação original.

Essa, sim, feriu meu ego.

Mas, para ser justo, nós transamos um ano e meio antes, no casamento de Chad e Chad — é, os dois se chamavam Chad. No dia seguinte, Natalie pegou o buquê e conheceu seu recém-adquirido marido no brunch pós-casamento — e se revelou a mais recente de uma longa série de madrinhas que encontraram o amor da sua vida logo depois de dar para mim. Não teria sido tão ruim se o boato não tivesse se espalhado por todo o grupo com que eu e Nolan crescemos. Desde então, eu era a lembrancinha mais procurada de qualquer casamento e dava mais sorte do que pegar o buquê.

No começo, foi tranquilo. Mas, depois da *sex tape* e do surto de casamentos do ano anterior, eu estava começando a me sentir como uma pizza esquecida na geladeira antes das férias.

Mas Payton... Eu não poderia dizer não para minha antiga paixonite, poderia?

— Dez minutos — disse ela. — Vamos tentar acabar aqui em dois. Preciso ver como Natalie está antes de jogar o buquê. Sua irmã fez as anquinhas e, sem querer ofender, mas os dedos dela são tão habilidosos quanto um pacote de salsichas.

Certo. Concordei com a cabeça. O grand finale. Eu tinha que caprichar. Payton era o tipo de mulher que deixava avaliações detalhadas no Google. Se eu não proporcionasse um orgasmo alucinante, ela faria questão de que todos os nossos amigos de infância soubessem disso.

— Vamos lá — falei —, mas tente não mencionar minha irmã enquanto estamos transando.

Ela bateu uma espécie de pequena continência para mim e soltou um gritinho quando a peguei pelo quadril redondo e macio e a virei. Ela ergueu o vestido até a cintura e se debruçou sobre o braço do sofá de veludo. Certo, eu podia desligar meu cérebro besta e chorão por tempo suficiente para aproveitar essa fantasia adolescente que virou realidade.

Ela ajustou a calcinha de renda nude e puxou para um lado, um ato de delicadeza e safadeza ao mesmo tempo.

O povo do Meio-Oeste é sempre muito atencioso.

E, sim, ela estava certa: eu poderia aproveitar bem os dois minutos.

Sem avisar, meti fundo e Payton ergueu a cabeça em resposta, o cabelo preto e macio bagunçado pelas costas. Ela mordeu a própria mão para não

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um feliz para sempre (im)possível" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).